

# Uma conversa no Café Art-Nouveau

ALBA VALDEZ

Esse começo de Julho, com preparação prévia de alguns dias, se passara todo, a bem dizer, de baixo de fortes panadas de chuva.

Não só Fortaleza se encharcava de aguaceiros vagabundos em pleno verão, também nos núcleos agrícolas de Quixeramobim, Pedra-Branca, Boa-Viagem e outros se manifestava o indesejável fenômeno.

Outra espécie de seca que, a continuar nessa marcha, seria muito capaz de prejudicar a safra de algodão e converter em palhiço podre as culturas próprias da estação.

Os corações sertanejos estavam uma trisquinha... Ave Maria, de mais flagelo!

Na verdade, uma coisa de fazer confusão a tal seca molhada.

O inverno que findara tinha sido velhaco, saltado, de chove não me molha. E ainda mais, no baixo Jaguaribe, região de leguas e leguas de carnaubais famosos, de solo adubado valendo por uma riqueza, o secão verdadeiro, de sol, laborava de rijo.

Aos primeiros sintomas da crise, a imprensa cidadina deu o brado de alarme, brado em unísono de nove jornais diários, entre matutinos e vespertinos, clamando do governo providências urgentes.

A mesma página tantos inseria notícias chocantes do sol, mesmo que fogo, comburindo a natureza jaguaribana, como o estrago das chuvas desbandeiras noutros lugares.

Os jornais governistas emprestavam tintas menos nítidas à calamidade local, engolfados que andavam na efervescência do caso político da suces-

são presidencial da República, caracterizado na luta de Princesa e na agitação latente que lavrava no resto do país.

Por outro lado, distinguiam-se os órgãos oposicionistas e independentes no afã de minorar os males dos jaguaribanos, males que, possivelmente, se refletiriam na economia geral.

Um diário novato, *Trincheira*, independente e noticioso, surgia dentre os colegas como o que mais a miudo se referia ao assunto, ministrando-lhe doses de interesse progressivo.

Desligado de partidos políticos, por decepções sofridas, Fábio Lelis, diretor, baixo, rosto vermelho, (parecia que o sangue vivia espirrando através da pele), fundador de três jornais com esse, queria que *Trincheira* fosse, antes de tudo, um órgão dedicado ao bem público.

—O país—conforme a sua exuberante expressão—carecia era de homens, de forças organizadas, dinâmicas, patrióticas, que o levassem para a frente.

Até pensou em batizar a nova folha com o nome de *Brasilidade*, palavra da moda. Não sabia como pegara o de *Trincheira*, com ressábios de peleja, batalha.

Não estava mau, não; ao contrário, muito expressivo, muito significativo, muito coerente com a época, cumprindo esplêndido programa.

A prática e a experiência, adquiridas no seu passado de imprensa, concorriam imenso para a robusta viabilidade de *Trincheira*.

Foi na fluência do mês de Abril—nem Abril parecia de seca e quente—que, abancado no Café Art-Nouveau, o mais popular da Praça do Ferreira, o acicateou a idéia, melhor, se lhe fortaleceu a terceira tentativa.

A idéia, essa, vinha de longe. Todo indivíduo tem um «fraco». O dele era ser *jornalista*. Desde pequeno que o assaltou essa mania, garatujava bandas de papel e ia, ufano, mostrá-las aos colegas da classe, dizendo-lhes que era o seu jornal. A princípio, não traziam nomes.

Embaraçou-o, por algum tempo, a escolha do título, até que um dia, ouvindo a criada queixar-se em casa, à sua mãe, de que o quarto dela estava em-

pestado de cafute de galinha, a ponto de não poder dormir direito, achou o termo engraçado e aproveitou-o.

Não tardou que enjoasse a denominação. *O Cafute!* Queria o que! E toca a botar nomes nas folhas garatuçadas. A inibição manifestara-se apenas no começo.

E lá se veio *O Garoto*, e lá se veio *O Binóculo*, e lá se veio *A Inúbia*. Este, sim, era um nome *daclí!* Deparou-se-lhe por ocasião de estudar a lição de história, referente aos primeiros habitantes do Brasil, com quem simpatizou.

«Eles usavam a inúbia, terrível busina, que soava no meio dos combates.»

Achou o nome bonito como o diabo. Meteu os pés, deu quatro pulos e meio com toda a força, enchendo a sala de gritos estridentes.

A mãe, desembocando do compartimento próximo, onde conferia com a lavadeira o rol da roupa, interpelou o filho, agastada:—Que doidice é essa, Fábio? O povo da rua era capaz de estar espiando às janelas afim de ver que absurdo seria aquele na casa deles.

—Espera, cabrito! E tome trompaço, para criar lei de gente.

Foi o primeiro percalço da carreira do jornalismo, mas Fábio não ligou ao trompaço materno, que tinha sido coisinha de nada.

Doido de alegre estava ele pela descoberta. Eita, negrada! Tinha nome para o jornal, que se chamaria definitivamente *A Inúbia*.

Com *A Inúbia*, excedeu-se em carinhos; com paciência e pertinácia, arranjava-lhe cabeçalhos em letras garrafais, cortadas de vários jornais, e pregadas com espesso grude de goma.

Em tipo menor, no meio da linha seguinte, lia-se a indicação:

Redator-chefe—Fábio Lelis

A garotada do colégio, num fecha-fecha medonho, distribuía ombradas entre si debaixo de uma frondosa castonholeira do Parque da Liberdade, para onde, depois das aulas, se escapulia, iludindo a vigilância do professor Castelo, curiosa por verificar se

o respectivo nome constava da lista de aniversários ou se servia de pretexto a alguma pilhéria, porque o jornal também praticava o humorismo.

Através desses ensaios, bem cedo, Fábio Lelis teve a intuição de que a imprensa era uma arma poderosa e, pelo tempo adiante, convenceu-se de que ela há feito mais revoluções que as outras.

Tal convicção foi vinte anos depois a gênese da *Folha Moderna* e da *Voz do Povo*.

Estirou o lábio inferior, traíndo a displiscência que o dominava.

Não era sem pronunciado travo que, nesse instante, apoiado à banca do Art-Nouveau, ele, que não possuía nada de meditativo, de concentrado, volvia um olhar retrospectivo para a *Folha Moderna*, que se delira, para *A Voz do Povo*, que emudecera.

Surgindo como veículos de propaganda política, os vespertinos desapareceram após existência precária, de um ano ou pouco mais. Os seus incentivadores, políticos profissionais, uma vez alcançadas as posições ambicionadas, acabaram roendo a corda, atirando ao rol do esquecimento as fascinantes promessas e os compromissos assumidos.

E agora, fora do seu clima—a sala da redação, onde entrava muitas vezes no decorrer das 24 horas, levando notícias, catadas aqui e acolá, as oficinas, os companheiros, o pessoal operário—, Fábio Lelis, que tinha a mística do seu jornal, sentia a acre sensação do isolamento.

Achou-se insignificante, inerme, inofensivo. Que coisa deprimente! Um vinco cavou-se-lhe entre as sobrelhas largas e falhadas. Ficou imóvel, jururú.

E talvez continuasse, por mais algum tempo, mergulhado na depressão moral que lhe relaxava a fibra, não obstante o ruído em torno, de falas, o tinnir de copos e chécaras, o estourar de rolhas, a agitação, lá fóra, da massa popular que formigava na Praça afoqueada, se não fosse uma palmada amigável, estalada no ombro.

Desenrolou-se, no mesmo instante, voz grossa, conhecida :

—Oh! companheiro velho de lutas! Como vai essa força ?

A prega de entre as sobrelhas desfez-se-

-lhe. Era o José Maria Braga, ex-secretário da *Folha Moderna*, da *Voz do Povo*, o Zé Maria que, com ele, mais o Paulo Estevão, o Abdoral Pinto e o Melo Cruz, formaram há dois anos a «quíntupla aliança», de grata recordação.

A ela se deveu a existência intelectual dos dois jornais que, apesar de obedecerem a um programa político—e isto constituía motivo de orgulho para a «quíntupla»—, nunca desceram à lama das retaliações pessoais, no mais aceso da pugna.

Zé Maria, bom elemento, uma fera no desempenho das suas funções, amando o idioma pátrio como amava a mulher e os filhos, fora proclamado «secretário perpétuo».

Mas os diários morreram como uma vaga morre após outra e da «quíntupla aliança» só restavam eles dois ali, porque os outros companheiros, desiludidos e determinados, pouco depois resolveram abandonar o meio e ir cavar a vida no Rio e em S.-Paulo.

Zé Maria chegava mesmo em boa hora. Arrastou uma cadeira metida debaixo da banca, sentou-se com todo o peso da figura meio repolhuda, dirigindo-se novamente a Lelis que, já desanuviado, pedu dois cafés.

Um sorriso, que reservava apenas para os íntimos, expandia-se na face larga do recém-chegado, à qual os frequentes derrames de bilis imprimiam um colorido de limão maduro:

—Então! Resistindo aos sacolejos do fadário, hem, Lelis velho?

Este concordou no mesmo diapasão, como se nunca sentisse por dentro outra coisa que não uma constante, uma incoercível coragem.

—Resistindo sempre, meu caboclo, sempre resistindo, embora esteja, perceptivelmente, nitidamente, plagiando o Cipriano. Que não é plágio neste mundo?

Respirou com força o pesado ar da sala, onde se espraiava um fartum de bebidas, prosseguindo, sem prestar atenção ao que ia perguntar ao camarada:

—Conheceste o Cipriano?

Zé Maria abanou a cabeça de certo jeito. Era o mesmo que lhe interrogassem sobre se assistira em pessoa ao descobrimento do Brasil.

Respondeu, por isso, vivamente :

—Eu, não.

—Nem eu. Mas o velho Felício Marvila, pai do Reinaldo Marvila—explicou Lelis—, o conheceu e disse-me alguma coisa. O velho farejou o meu gosto pela história da cidade, a antiga e a moderna, e quer representar de sucursal do *Banco*, o histórico *Banco*, a fenomenal instituição da Praça do Ferreira, à qual não escapam os menores acontecimentos da urbs, pretéritos, presentes e porvindouros.

—Cipriano era um amalucado alto e magro, que divertia os malandros da Praça do Ferreira, atravessando-se inopinadamente na frente de um transeunte desprevenido para dizer-lhe (uns olhos pretos, parados, deste tamanho !), com voz e sotaque esquisitos, puxando pelos *rr* :

—Churando sempre e sempre churando, hem ?

O velho Marvila que, nesse tempo, era novo e não gostava de deitar água a pinto, referiu-me que, uma tarde, passando na Praça, cujos bancos se achavam repletos de frequentadores, estes gozando a doce claridade vespéral, esses lendo os jornais que saíam, aqueles palestrando animadamente, percebeu um vagabundo indicá-lo ao maluco :

—Olha, Cipriano, aquele que vem ali !

—Espetáculo por espetáculo, tudo, menos servir de risota num local tão público como aquele—pensou.

Quase que ia havendo um rolo bruto, ele mettendo o braço no vagabundo.

Zé Maria gaiteou um riso incrédulo, derrotista :

—Fumaças ! O de que ele toda a vida gostou foi pegar no bico da chaleira, como o filho, que anda agora metido com os governistas.

*(Capítulo inicial de um romance em preparo)*

---